

# ESCRAVOS E LIBERTOS NOS AÇORES UMA ABORDAGEM A PARTIR DOS REGISTOS PAROQUIAIS DAS MATRIZES DE PONTA DELGADA E DA RIBEIRA GRANDE (1540 A 1814)

MARGARIDA VAZ DO REGO MACHADO\*

O trabalho, que agora se apresenta, não é mais do que uma primeira abordagem de um estudo mais alargado sobre os escravos e libertos nos Açores, iniciado num projecto financiado pela Direção Regional da Ciência e Tecnologia (da Região Autónoma dos Açores), entre 2006 e 2009 - *Escravos e libertos nos Açores, sécs XV-XIX*, coordenado por Rute Dias Gregório e cuja equipa integrámos. Será feito a partir da análise dos registos paroquiais das matrizes de S. Sebastião, em Ponta Delgada, e da Conceição na Ribeira Grande<sup>1</sup>.

Apesar de os registos paroquiais serem manifestamente insuficientes para termos uma noção mais alargada das vivências dos escravos, nomeadamente da sua vida quotidiana, das suas relações com a população local, da maneira como estes participaram na economia da ilha ou mesmo do porquê da sua vinda para os Açores, a verdade é que podemos ter algumas noções, embora incompletas, do seu número, dos seus proprietários e mesmo de como casavam, neste caso, nestas duas freguesias matrizes, portanto as mais importantes destes dois concelhos de S. Miguel, entre os anos de 1541 e 1814.

---

\* Professora auxiliar da Universidade dos Açores, Investigadora do Centro de História de Além-Mar (CHAM - FCSH/NOVA-UAç), margrego@uac.pt.

<sup>1</sup> Todos os gráficos e quadros foram feitos a partir dos Livros Paroquiais (registos de baptismo, casamentos e óbitos) existentes nas matrizes de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande e de S. Sebastião, matriz de Ponta Delgada, de 1541 a 1820, que fazem parte dos Fundos Paroquiais da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD)

Os primeiros cronistas Açorianos, nomeadamente o mais antigo, Gaspar Frutuoso, assinalam a presença de escravos nos Açores, desde o início do povoamento. No livro IV das Saudades da Terra, dedicado a S. Miguel e suas gentes, Gaspar Frutuoso ao referenciar os primeiros povoadores menciona a vinda de escravos, que acompanhavam os pequenos fidalgos que por aqui se estabeleceram e que traziam “com grande fausto, cavalos e escravos”<sup>2</sup>, facto que não será de admirar, pois desde finais do século XV que a vinda de escravos para Portugal era uma constante e não será difícil de concluir que eles seriam bem vindos aos Açores onde, nesta primeira época de povoamento, todos os braços eram precisos para os primeiros desbravamentos e arroteamentos das terras. Não falamos aqui de uma economia escravagista de plantação, pois os Açores não a tiveram, mas sim de um conjunto de trabalhadores domésticos, de mão-de-obra barata, que os senhores necessitavam, nomeadamente para cumprirem seus deveres para com as terras dadas em regime de sesmarias.

A corroborar os escritos dos nossos cronistas, temos outras fontes, como as notariais e registos paroquiais, que nos confirmam esta presença de escravos, desde sempre, no seio da sociedade açoriana.

Como dissemos no início, iremos analisar os registos de baptismo, casamentos e óbitos de escravos de duas freguesias importantes de S. Miguel, sendo que os registos de baptismo são aqueles em que colhemos mais informação, embora tenhamos consciência de que nem todos os escravos eram baptizados, pois há indícios do incumprimento deste dever por parte dos senhores e pela incúria dos padres, e ainda, como bem o refere Jorge Fonseca, nem sempre o ato era registado, por preconceito<sup>3</sup>. O baptismo foi uma das principais justificações da escravatura, pois o benefício da remissão da alma escrava era muito maior do que a sua condição de escravo. Baptizando-se os cativos, as consciências tranquilizavam-se e por isso as ordenações Manuelinas<sup>4</sup> obrigavam todos os senhores de escravos a baptizá-los ainda de tenra idade e se os comprassem já adultos e tivessem dúvidas se seriam ou não baptizados os fizessem de imediato. Neles além do assento do dia e do pároco que executava o sacramento, registava-se o nome do baptizado, da mãe e de sua condição de escrava, por vezes o do pai assim como o dos padrinhos.

Entre os anos 1583 e 1746 registamos 989 escravos baptizados na matriz de S. Sebastião enquanto para a matriz de Nossa senhora da Estrela temos um total de 431 escravos, entre os anos de 1542 e 1790. Apesar de ainda ser prematuro tentarmos aferir a percentagem de escravos em relação ao conjunto da população, até

---

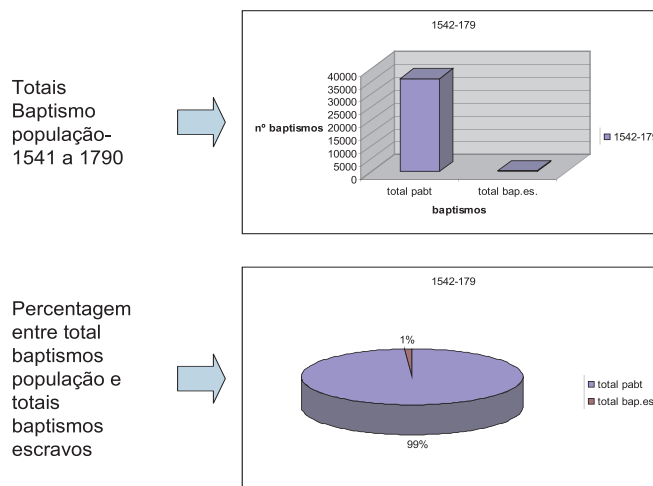
2 Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1977, livro IV, Vol. I, p.21

3 Fonseca, Jorge, *Os escravos em Lisboa e Évora quinhentista: aspectos demográficos e sociais*, Lisboa, 2011, p.2.

4 Ordenações Manuelinas, Liv. 5. Tit. 99, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1984, pp.300, 301

porque apenas estamos a trabalhar duas paróquias, fizemos uma tentativa. Assim, olhando para o gráfico nº1, podemos inferir que na Matriz da Ribeira Grande dos 36431 baptismos entre 1541 e 1790, apenas 426 foram de escravos com uma percentagem de cerca de 1%<sup>5</sup>.

**Gráfico nº1**  
**População baptizada na matriz da Nossa Senhora da estrela da Ribeira Grande entre os anos de 1542 e 1790**

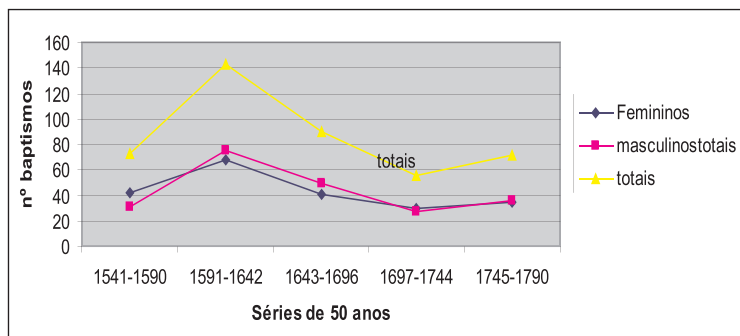


Se analisarmos o gráfico nº2, verificamos que, no conjunto desta longa duração de cerca de 350 anos e organizando os registos de baptizados em séries de cinquenta anos, as linhas tendenciais entre a população em geral e os escravos é a mesma, ou seja há um pico de baptizados nos finais de quinhentos e inícios de seiscentos, descendo gradualmente até finais do século XVII, aumentando levemente na primeira metade de setecentos. Quanto ao género as diferenças também não são significativas pois baptizaram-se neste período na matriz da Estrela 225 escravas e 218 escravos.

<sup>5</sup> No mesmo estudo referido na nota 2, Jorge Fonseca aponta para Lisboa de quinhentos uma percentagem de 3%.

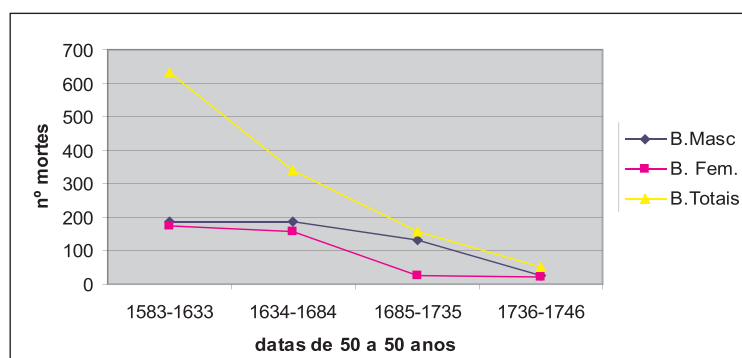
Num estudo posterior feito por nós em que se abarca todas as freguesias da Cidade de Ponta Delgada, esta percentagem continua válida, in Margarida Machado e Rute Gregório, *Alguns aspectos das relações entre senhores e escravos nos Açores da época moderna*, comunicação apresentada no Congresso Internacional SENHORES E ESCRAVOS NAS SOCIEDADES IBERO-ATLÂNTICAS, Lisboa, Abril de 2013

**Gráfico n°2**  
**Paralelo entre os totais dos baptizados na matriz da Estrela da Ribeira Grande e o número dos baptizados escravos.**



Quanto aos baptizados na mesma altura na matriz de Ponta Delgada, o gráfico n°3 dá-nos um registo não muito diferente pois, como só temos os assentos a partir de 1583, a linha inicia-se já perto do pico que acontece em meados de seiscentos, começando a sua descida a partir de meados do século XVII, com 632 baptizados, seguindo-se depois uma curva que será sempre descendente até meados do século XVIII com apenas 49 baptizados<sup>6</sup>.

**Gráfico n°3**  
**Baptismos de escravos na matriz de S. Sebastião de Ponta Delgada entre 1583 e 1746.**



<sup>6</sup> Para a Madeira, Alberto Vieira constata, também, uma fase altista no fim de quinhentos e nas 3 primeiras décadas de seiscentos, in Alberto Vieira, Os escravos no arquipélago da Madeiras, séculos XV a XVII, SRTCE/CEHA, 1991, p.52.

Entre os escravos batizados nas duas freguesias o assento regista, na maioria dos casos, o nome do batizado e de sua mãe, acrescido do nome do senhor ou senhora a quem a dita mãe escrava pertencia, como por exemplo: *Margarida, filha de Beatris, escrava de Jorge Goncalves, cavaleiro*<sup>7</sup>. Muito poucas vezes o nome do pai aparece, embora aconteça, como é exemplo este, ainda da matriz da Ribeira Grande: *Nuno, Filho de Francisca escrava de Goncalvo Tavares e de Pedro escravo de Pedro Dias*<sup>8</sup>, encontrando-se também assinalado, e não poucas vezes, o desconhecimento do pai: *Maria, escrava de Francisco Correia e de pai não sabido*<sup>9</sup>. De pais desconhecidos apenas encontramos os apontados como adultos, como é o caso de: *Maria, escrava de Amador Fernandes, Pai nem mãe não conhecidos, e que veio já grande de sua terra*<sup>10</sup>, ou de *Juliana, escrava adulta de Domingos Martins*<sup>11</sup>. Apenas é apontado dois casos em que se diz não serem conhecidos os pais, não nos sendo possível verificar se seriam adultos ou não. Conhecemos sim o nome dos padrinhos, um escravo e no segundo caso apontado temos um artesão: *Manuel Pereira Botelho, mestre do tabaco, e a dita, Vitória de Sousa*<sup>12</sup>.

Por vezes a condição de escravo não é registada, mas sim a sua cor: *Ana, filha de Álvaro preto e de Catarina Gonçalves*<sup>13</sup>; *Domingas, Filha de Margarida Rodrigues, preta*<sup>14</sup> ou ainda: *Francisco, filho de Maria Coelha, baça, e de pai desconhecido*<sup>15</sup>.

Ainda nos assentos de batizados poderemos encontrar uma outra situação, embora bastante rara, que é o registo do pai, sem mencionar o da mãe, como é exemplo estas duas situações referentes para o mesmo pai, nos anos de 1684 e 1686: *Ana, filha de Richarte de Sousa, escravo de Guilherme Chamberlim, e de Cecília da Costa, sua mulher;*, Francisco, filho de Richarte de Sousa, escravo de Guilherme Chamberlim, e de Cecília da Costa, sua mulher<sup>16</sup>.

---

7 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Livro, 1 fl 74v, 1541-1463

8 Ibidem, fl 81.

9 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 1, de Baptizados, fl 48v.

10 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 1, de Baptizados, fl 121v.

11 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 6, de Baptizados, fl 64v.

12 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 7, de Baptizados, fl 250.

13 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 2, de Baptizados, fl 65v.

14 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de nossa senhora da estrela, Livro, 1 fl 90.

15 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 2, de Baptizados, fl 26v.

16 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 6, de Baptizados, fl 246 e livro 7 fol. 17.

Normalmente a idade dos baptizados não é referida. Apenas no caso de adultos temos a simples indicação de “adultos” e muito raramente as suas idades. Assim na Matriz da Ribeira Grande encontramos, entre 1541 e 1590, 4 adultos (dois escravos e duas escravas), entre 1591 e 1642 apenas aparecem dois escravos adultos e entre 1697 e 1744 duas escravas, onde numa é referida a idade de 13 anos e dois escravos tendo um deles 10 anos. Na matriz de S. Sebastião aparecem-nos mais adultos 14 masculinos e 20 femininos, a que se acrescenta mais 21 escravos e 25 escravas com idades entre os 5 e 14 anos. Isto terá acontecido não só porque a freguesia é mais populosa e, por isso, como a possibilidade de haver mais escravos, mas também, pensamos, por estar situada na cidade de Ponta Delgada, local onde aportavam os navios vindos do exterior, sendo assim mais fácil o acesso à compra de escravos após o desembarque<sup>17</sup>. Todavia, não se podem comparar com os recém-nascidos, verificando-se assim, que a reprodução em casa dos donos da escrava era o meio mais barato e mais usado na ilha.

Muito raramente temos a referência de que os pais são casados, todavia eles acontecem até porque a igreja defendia que os escravos *amancebados* deveriam casar-se. Como muitas vezes os escravos pertenciam a donos diferentes esta prática era esquecida e quando encontramos referência a pais casados eles são sempre do mesmo senhor: *Francisca, Filho de João, escravo de António Cardoso, e Isabel, escrava do mesmo, casados*<sup>18</sup> ou *Mariana, filha de Agostinho Duarte e Luísa de Quental, casados desta freguesia e escravos de Francisco Duarte e de Mariana de Quental, moradores na Rua Direita de S. João*<sup>19</sup>.

Interessante e mesmo único é a referência a um futuro casamento, embora nos pareça que a mãe não fosse escrava: *Vitória, filha de Teresa Cabral, moradora na Rua do Ldº Homem, e de Henrique Dias, escravo de Miguel Dias Azevedo, com quem está apregoada para receber por marido*<sup>20</sup>.

Entramos assim noutra registo o dos casamentos, que nos fornecem indicações acerca dos cônjuges de forma variada: indica-se os nomes dos nubentes, sua filiação e a sua ou não condição de escravo e a quem pertenciam.

Apesar de aos escravos ser permitido o seu casamento e, como já vimos, ser mesmo aconselhado pela igreja, nem sempre era realizado. Na verdade, o casamento entre escravos de senhores diferentes trazia complicações quanto à posse

---

17 Para a Madeira, Alberto Vieira encontra o mesmo efeito entre a Sé do Funchal mais perto do porto, e as outras freguesias da Ilha. In, Alberto Vieira, Ob. cit p.55.

18 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 7, de Baptizados, fl 566.

19 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 8, de Baptizados, fl 2.

20 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 8, de Baptizados, fl 94/94v.

dos mesmos e por isso nem sempre era permitido, ficando os escravos filhos ilegítimos para o senhor da mãe. A corroborar esta afirmação, a relação entre os casamentos entre população livre e os dos escravos é também menor em relação aos baptismos. Assim, enquanto na matriz da Estrela da Ribeira Grande realizaram-se 6939 casamentos apenas 30 foram de escravos acontecendo o mesmo, na matriz de S. Sebastião de Ponta Delgada, onde apenas 39 casamentos de escravos se encontram registados num total de 4940 assentos de casamentos, não chegando em nenhum dos casos a 1% (0,46% para a Estrela e 0,74% para S. Sebastião).

Como podemos ver no quadro seguinte:

**Quadro nº1**  
**Casamentos entre os anos de 1542 a 1792 nas matrizes da Estrela da Ribeira Grande e de S. Sebastião de Ponta Delgada**

Casamentos	Estrela da Ribeira Grande	S. Sebastião de Ponta Delgada	Totais
Casamentos entre escravos do mesmo Senhor	10	7	17
Casamento entre escravos de Senhores diferentes	1	2	3
Casamento cujo nome do nubente aparece sozinho com escravas com Senhor mencionado	2	2	4
Casamento onde o nome da noiva aparece sozinho com escravo com Senhor mencionado	9	16	25
Casamentos de escravos e escravas sem senhor indicado	7	12	19

A situação mais comum é a dos casamentos entre escravos do mesmo senhor (17) sendo uma minoria o casamento de escravos de senhores diferentes (3). Todavia a situação em que encontramos mais exemplos é aquela em que o noivo é identificado como escravo e a noiva apenas aparece com o seu nome: *Manuel Cardoso, escravo de Manuel Vasconcelos, casou com Ana*<sup>21</sup>, embora, também,

21 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande, Livro, 2 dos casamentos, fl 169 s/assento, 1583-1625.

encontremos em sentido inverso. Será que o cônjuge não referido como escravo seria alguém ou filho de alguém que já o havia sido e que ganhara a liberdade? O mesmo poderemos perguntar, na situação em que nenhum dos cônjuges é mencionado como escravo, mas que devido ao registo de sua cor se poderá inferir que foi escravo ou descendente de algum e que agora obteve a liberdade, como por exemplo: *Manuel de Matos, preto, casou com Maria de Paiva, preta*<sup>22</sup> ou *Matias Fernandes casou com Helena Ferreira, Filho de Antonio Bicudo, preto, falecido*<sup>23</sup>.

No local em que se diz não haver nada que impeça o matrimónio, encontramos uma observação dizendo que o noivo estava preso na cadeia de Ponta Delgada<sup>24</sup>. Será que era comum uma situação destas? Esperamos poder responder a esta questão mais social um dia mais tarde, quando todas as freguesias da ilha tiverem sido analisadas.

As idades dos cônjuges não são mencionadas, embora apareça um caso isolado em Ponta Delgada de: *João de 25 anos, escravo de António Cardoso e de Maria Cabral que casou com Maria Isabel de 15 anos, escrava dos mesmos*<sup>25</sup>.

Pela falta de referência, na maioria dos casos, do local de baptismo dos nubentes, depreendemos que ter-se-iam baptizado na mesma freguesia de onde se estava a casar, com algumas excepções, pois nos registos da matriz da Ribeira Grande encontramos referência a baptismos feitos em Rabo de Peixe; Conceição da Ribeira Grande; Vila Franca, Angola; Benguela; Minas Gerais, assim como na de Ponta Delgada são referidos baptismos nas freguesias de S. Pedro (Ponta Delgada), Santa Maria, Angola, Baía, Ouro Preto. Esta indicação já nos pode dar uma ideia de onde vinham os escravos para S. Miguel. Num primeiro registo podemos afirmar que havia mobilidade entre as várias freguesias da Ilha: *Joana, Filha de João Martins, natural de Vila Franca do Campo e de sua mulher Luzia Correia, natural da Cidade de Ponta Delgada, freguesia de São Mateus, escravos de Maria Francisca de Barros, viuva de Lazaro Rodrigues Estrela*<sup>26</sup> e entre as ilhas do arquipélago: *Clemência, filha de Lúzia, escrava do capitão Pedro da Ponte e de sua mulher, D. Maria Capelo, a qual escrava é natural da Ilha do Faial - freguesia da Sr.<sup>a</sup> da Conceição, e de pai não sabido*<sup>27</sup>. Do exterior as regiões mais referidas

---

22 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande, Livro 8 dos casamentos, fl 108v S/assento,1736-1751.

23 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande, Livro,2 dos casamentos, fl 94 S/assento,1583-1625.

24 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela da Ribeira Grande, Livro,2 dos Casamentos, fl 130.

25 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. Sebastião de Ponta Delgada, Livro 4 dos casamentos, fl 135v, s/assento, 1677/1708.

26 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Livro, 15 fl 103.

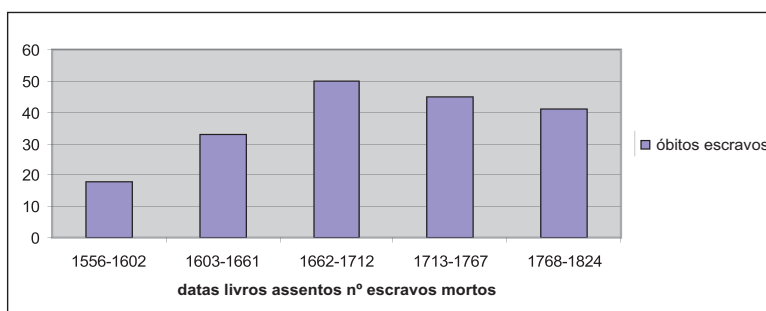
27 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 9, de Baptizados, fl 139, PDI.



são as de África, seja do Norte: *Francisca, filha de Manuel de Jesus, mouro, baptizado na praça de Mazagão, e de sua mulher; Clara de Alvedo, desta Matrix*<sup>28</sup>; de Angola ou S. Nicolau: *Flora, Filha de Maria da Costa Negra (...) natural de Angola, escrava de Pedro de Melo; e de pai no sabido; Maurício, Filho de Maria Perpetua, negra (...) de natural da ilha de São Nicolau, escrava de Dona Mariana Caetano Inácia de Albuquerque, viúva do Morgado Francisco António Taveira*<sup>29</sup>, e ainda da Etiópia: *Inês, escrava etíope adulta de Maria da Encarnação, assistente no recolhimento de St<sup>a</sup> Ana, desta freguesia, de 7 anos de idade mais ou menos*<sup>30</sup>. Como não podia deixar de ser, outra zona de vinda de escravos foi a do Brasil, visto que o comércio entre esta colónia portuguesa e os Açores foi aumentando nos séculos XVII e XVIII, tornando-se deveras dinâmico em finais de setecentos para a praça de Ponta Delgada. Assim encontramos exemplos com estes: *Manuel José Senra, preto, natural das minas de Ouro Preto*<sup>31</sup> ou de *Henrique dias, escravo de Miguel Dias Azedo, natural das partes do Brazil e baptizado na Bahia, na parochial de nossa Senhora da Assunção, como constou pelo mandado da Ouvidoria*<sup>32</sup>.

O último registo que analisaremos serão os óbitos, que a nível de filiação e origem são os mais pobres, embora aqui um novo indicador apareça: as idades.

**Gráfico nº4**  
**Óbitos de escravos na matriz da Estrela da**  
**Ribeira Grande entre 1556 e 1820**



28 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 12, de Baptizados, fl 55v, PDI.

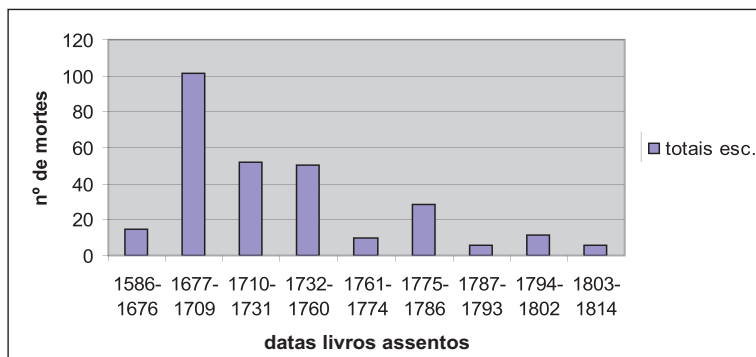
29 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Livro, 27 fl, 191 e 201.

30 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. SEBASTIÃO de Ponta Delgada, Livro 10, de Baptizados, fl 140v.

31 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. Sebastião de Ponta Delgada, Livro 7 dos casamentos, fl.110v, s/assento, 1752/1766.

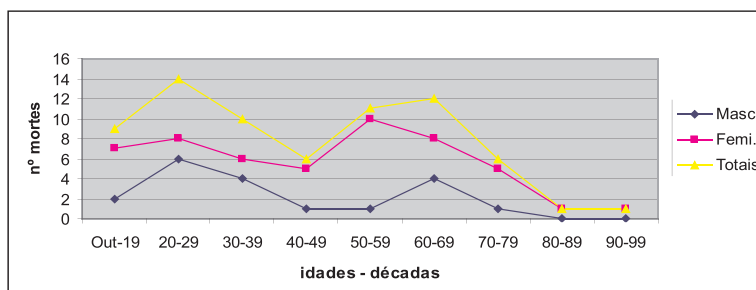
32 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de S. Sebastião de Ponta Delgada, Livro 4 dos casamentos, fl. 156 /156v, s/assento, 1677/1708.

**Gráfico nº 5**  
**Óbitos de escravos na matriz de S. Sebastião de**  
**Ponta Delgada entre 1586 e 1814**



Se fizermos um paralelo entre os dois gráficos, nº4 e 5, verificamos que ambos têm um pico de mortes nos finais de seiscentos e inícios de setecentos, descendo nas décadas seguintes.

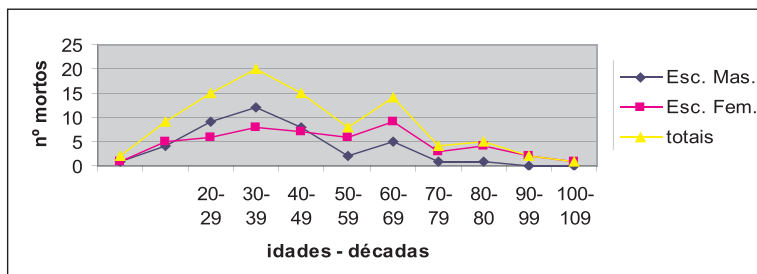
**Gráfico nº6**  
**Óbitos de escravos, por idades,**  
**na matriz da estrela da Ribeira Grande**



Em relação ao género, inferimos que morreram mais escravas (115) do que escravos (73), e as idades mais atingidas foram, para elas, os cinquenta anos, com 10 mortes e para os escravos a de 20, o que mostra que a esperança de vida do género masculino era bem inferior à do feminino.

Para Ponta Delgada a situação é revelada a partir do gráfico nº7, embora com algumas diferenças, é idêntica:

**Gráfico nº7 .**  
**Óbitos de escravos, por idades,**  
**na matriz de S. Sebastião em Ponta Delgada**



Nesta matriz da primeira cidade da Ilha e ao contrário da Ribeira Grande, morreram mais escravas (157) do que escravos (97), embora no que concerne às idades o panorama seja mais ou menos o mesmo: os homens continuam a morrer mais cedo, embora agora um pouco mais tarde, na década de 30 enquanto as escravas continuam a morrer mais velhas, também aqui, uma década depois das assinaladas na Ribeira Grande, ou seja, o maior número de mortes verificou-se na ordem dos sessenta anos.

Interessante assinalar que, apesar de os assentos de óbitos não serem dos mais ricos, a verdade é que nos trazem algumas revelações, quando se assinala a existência ou não de testamento. Assim, a maioria ou não tem nada registado sobre testamentos ou é assinalado que não faz testamento por ser muito pobre: *faleseo margarida miz preta molher de João miz preta os/30 dias de Janeiro de 1583 não fez testamento por ser muito/pbre e lhe fizeram hum officio a seu enterramto offerta /do convento (sic) e sesenta rs/<sup>33</sup> ou Rozária, recebeu todos os sacramentos; Foi sepultada na cova da fábrica onde se mandaram dizer 8 missas por sua alma; e não fez testamento por ser muito pobre<sup>34</sup>. Contudo, também existem aqueles que fazem testamento, embora só tenhamos encontrado dois casos para a matriz de S. Sebastião: *Maria da Costa, mulher baça, foi sepultada em S. Sebastião, fez testamento em que deixou mais de mil missas por sua alma e aos 19 de majo de 90 faleceo/ domingos frz molher de frcº frz africano/esta enterrada no mosteiro dos frades/ fes testamento deixou por seu testamentº a seu marido/manda fazer nesta Igrª hum officio de tres/liçõis offertado com dous alqueires de trigo/e quatro cana-**

33 BPARPDL.PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Ribeira Grande, Livro 2 de óbitos, fl.50v, s/assento, ano de 1580-1602.

34 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Sebastião de Ponta Delgada, Livro 3, fl 215v, s/assento, ano de 1709-1731.

*das devinho da terra/sinquo missas Rezadas/*. Nos óbitos da paróquia de Nossa Senhora da Estrela encontramos apenas um escravo liberto que faz testamento: *António Soares escravo que foi do pe Vigr<sup>o</sup>/franc<sup>o</sup> Soares Correa falleceo aos 6 dias do mes/de Julho de 1655, recebeu os Santos Sa/cramentos da igreja fes hum testamento aprovado pello/tabeliam Amador Monteiro Soares, em que mandou seu cor/po seja amortalhado no abito do snor São Fancisco/acompanhado com o Collegio desta igreja da nossa/Snor da Estrella onde sera enterrado deixou hum/off<sup>o</sup> de nove liçõis e 30 missas por sua alma<sup>35</sup>.*

A preocupação de se enterrar o escravo segundo as santas leis da Igreja é sempre referida tendo aparecido situações díspares, desde as mais simples a outras um pouco mais completas como: *recebeu todos os sacramentos e foi enterrada em S. Sebastião* ou um pouco mais descritivo como no caso de Nossa Senhora da Estrela em que se encontra assentos como este: *Recebeu todos os Sacramentos; levou como acompanhamento os Religiosos do Colégio da Matriz e Religiosos de S.Francisco; foi sepultado na matriz onde se celebraram 1 officio de 9 lições, 16 missas privilegiadas e os sufrágios do costume e envolto em Hábito de S. Francisco.*

O acompanhamento fazia-se consoante as posses do defunto e era realizado com os religiosos do colégio das matrizes, com o cura e coro, com religiosos franciscanos variando também o número de missas e officios a dizer por alma do defunto. Algumas vezes o enterro era feito na cova da fábrica, na paróquia e na Ribeira Grande é numeroso o número daqueles que iam a enterrar na Igreja do convento de S. Francisco ou na da Misericórdia, em menor número foram os sepultados no Convento de Jesus da mesma Vila, e em alguma ermidas como a da Caridade e de Santo André. Raras vezes iam para paróquia diferentes como: *Antónia, menor escrava do Alferes Manuel Botelho, de 8 a 9 anos de idade, recebeu todos os sacramentos; foi sepultada de Licentia Parochia na Igreja do Convento da Esperança, onde seu senhor mandou fazer o enterro, disseram-lhe 20 missas comuns por sua alma e teve acompanhamento do colégio da Matriz e religiosos de S. Francisco<sup>36</sup>*. Para além dos enterros com licença própria (muito poucos), encontramos, também, em S. Sebastião sepulturas na matriz, na cova da fábrica, para os mais pobres, e em várias ermidas como por exemplo na de S. Brás<sup>37</sup>.

Nem sempre referem como era a mortalha do defunto, todavia em ambas as

---

35 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Ribeira Grande, Livro 4 de óbitos, fl 101, s/assento, ano de 1634-1661.

36 BPARPDL. PAROQUIAIS: Freguesia de Nossa Senhora da Estrela, Ribeira Grande, Livro 11 de óbitos, fl 184, s/assento, ano de 1778-1787.

37 Muitos dos enterros com respectivas missas e officios eram pagos pelos senhores dos escravos, como constatamos em vários testamentos.

paróquias o maior número referido era o hábito de S. Francisco ou clarissas para as mulheres e ainda, os envoltos em sarja ou sarja preta<sup>38</sup>.

Para conhecermos verdadeiramente a sociedade ilhoa, seria necessário saber a proveniência dos proprietários, qual a média de escravos que cada senhor tinha e quais os seus principais deveres.

Com os Livros paroquiais este estudo fica muito limitado, pois nem sempre são referidos os seus donos e suas categorias sociais.

É fundamental acompanhá-los com os fundos notariais, nomeadamente o que dizem os testamentos, com especial incidência para os inventários orfanológico, para as compras e vendas, para possíveis arquivos de casas nobres e comerciais que venham a aparecer e postos à disposição do historiador. Além disso não foi possível, ainda, cruzar todos os registos ou seja: os do baptismo, casamentos e óbitos. Daí que as conclusões que apresentamos são sobre uma ínfima parte das fontes, apenas trataremos os dados dos Livros de óbitos do Fundo Paroquial da matriz de S. Sebastião da cidade de Ponta Delgada.

Ao contrário da nossa colega e amiga Rute Gregório, que aponta, para Angra de quinhentos, alguns proprietários com mais de 10 escravos, inclusivamente Pêro Anes do Canto com 20<sup>39</sup>, e mesmo da de Maria Herminia Mesquita, que também estudou os escravos em Angra no século XVII<sup>40</sup>, em S. Miguel e, segundo a nossa fonte, o máximo de escravos encontrados num proprietário foi de 4, sendo proprietária Dona Mariana do Canto, seguido de um morgado, um capitão de milícia e um mercador com 3, sendo mais comum a posse de dois e um escravo por proprietário<sup>41</sup>. Quanto à sua distribuição pelos vários grupos sociais, vem

---

38 No estudo que fizemos posteriormente sobre as relações dos Senhores e Escravos nos Açores na Época Moderna, constatamos, através da análise de testamentos, que era preocupação comum, os Senhores deixarem ordens para que os seus escravos fossem dignamente e catolicamente enterrados. in Margarida Machado e Rute Gregório, *Alguns aspetos das relações entre senhores e escravos nos Açores da época moderna*, comunicação apresentada no Congresso Internacional SENHORES E ESCRAVOS NAS SOCIEDADES IBERO-ATLÂNTICAS, Lisboa, Abril de 2013.

39 Rute Gregório, “Escravos e Libertos da ilha Terceira na primeira metade do século XI”, in *O Reino e o mar oceano, Estudos em Homenagem a Artur Teodoro de Matos*, coord. Avelino Freitas de Meneses e João Paulo Oliveira e Costa, Lisboa, CHAM, vol. 2, p. 447.

40 Maria Herminia M. Mesquita, “Escravos em Angra no século XVII, uma abordagem a partir dos registos paroquiais”, in *Revista Arquipélago*, 2ª Série, 2005-006, vol. IX-X, pp. 222 a 224.

41 Num estudo posterior, em que já consultamos alguns testamentos para o século XVIII, podemos afirmar que este número aumentou para 7: Em S. Miguel, nos séculos XVII e XVIII o máximo de escravos por pessoa, que registamos nas 4 freguesias de Ponta delgada e na matriz da Ribeira Grande, foi de 7 escravos para o filho do Conde da Ribeira Grande, D. José da Câmara, seguido de mercadores de grosso trato com 7,6,5 e 4 escravos. in Margarida Machado e Rute Gregório, *Alguns aspetos das relações entre senhores e escravos nos Açores da época moderna*, comunicação apresentada no Congresso Internacional SENHORES E ESCRAVOS NAS SOCIEDADES IBERO-ATLÂNTICAS, Lisboa, Abril de 2013.

à cabeça 22 Senhoras - Donas, seguidas de Nobres da *Governança*: 14, um com 2 e os outros com 1 escravo cada, Padres: 10, 4 com 2 escravos todos os outros com 1; Oficiais de Milícias: 12 capitães: 2 com 3 escravos, 1 com 2 e os outros com 1; Tenentes: 2, 1 com 2 e 1 com 1 escravo; Alferes 2: com 1 escravo cada; *Mercadores de grosso tratto*: 5: um com 3 e os restantes com 1 e um Desembargador com 1 escravo.

Estamos seguras de que este número irá disparar, de qualquer modo pensamos poder concluir que durante toda a época Moderna a presença de escravos nos Açores foi constante, sendo os seus proprietários pessoas com um certo nível social e económico, pois não seria barato comprar escravos e sobretudo mantê-los com suas descendências. A heterogeneidade do grupo é grande, podendo encontrá-los em vários grupos: nobres (fidalgos e morgados), eclesiásticos, gente da administração pública e militar, mercadores nacionais e internacionais e outros notáveis. Todavia em alguns testamentos do seiscentos e oitocentos encontramos alguns ofícios mecânicos como boticários, tanoeiros, sapateiros, carpinteiros, pedreiro, como proprietários de um ou dois escravos, assim como alguns lavradores abastados.

Quanto ao seu trabalho, pensamos que podemos adiantar que são maioritariamente domésticos, que trabalhavam não só na casa de seus donos como em suas terras, trabalhando na agricultura, a principal actividade económica da ilha, pois para além do consumo local, ela entrou desde o início na dinâmica do comércio externo, fosse para o Reino, com os seus cereais e legumes de contrafolha, fosse para o estrangeiro e colónias do império português com a aguardente, panos de linho e citrinos.

Podemos ainda concluir que neste estudo sobre os paroquiais, em S. Miguel, pelo menos a partir dos finais do século XVI, a reprodução das escravas nas ilhas era a maior fonte de aquisição de escravos<sup>42</sup>, embora esta fonte reprodutiva não bastasse, recorrendo-se, por isso à importação, com origem à escala do Império Português. Além disso os registos apontam principalmente para um quadro em que as relações entre escravos se estabeleciam maioritariamente à margem do casamento, situação que era “acarinhada” pelos senhores, pois o casamento católico implicava a não separação dos cônjuges, o que acarretava limitações na capacidade de intervenção dos Senhores junto dos escravos. A par disso ela colidia com a natural resistência dos escravos habituados, em África, à poligamia. Verificamos ainda, que a maior mortalidade dos escravos é na idade adulta, sendo na sua

---

42 Mesquita, M. Hermínia, constata o mesmo para a cidade de Angra no século XVII, “Escravos em Angra no século XVII. Uma abordagem a partir dos registos paroquiais, in revista *Arquipélago*, História, 2ª série, vol. IX, 2005, p.24.

maioria já idosos e que a manutenção do escravo em condição servil até à morte era usual, pois a designação de forro ou liberto apenas aparece em poucos casos, sendo que uma grande parte destes funerais se realizava a expensas dos Senhores, o que nos aponta para uma imagem de proximidade e convivência contínua que não é difícil de inferir / sustentar no quadro de uma escravatura de tipo doméstico.